

Qualidade no Ensino

Horácio Almendra

horacio.almendra@iqe.org.br
www.iqe.org.br



Colaboração:

Maria Helena Braga / mhelena.braga@iqe.org.br
Maria Sidalina Gouveia /sidalina.gouveia@iqe.org.br
Cristina Luiza Garbuio / cristina.garbuio@iqe.org.br

Os artefatos leitores e o papel da escola

Maria Sidalina Gouveia

Supervisora Pedagógica de Língua Portuguesa do IQE –
Instituto Qualidade no Ensino

A educação no século XXI, com o propósito de atender às necessidades de seu público, fomenta transformações no currículo, na metodologia, nos papéis de professores e de alunos e, ainda, introduz ao trabalho desenvolvido, em sala de aula, diversos artefatos leitores — celulares, laptops, tablets, e-books, iPads e smartphones.

Esses dispositivos digitais (gadgets) atendem às necessidades do usuário: quem tem baixa acuidade visual, ao navegar, pode aumentar o tamanho da fonte; quem quer estudar um texto, pode marcar seus fragmentos com cores diferentes e prefixadas a fim de atribuir-lhes classificações como trecho relevante, conceito equivocado, pesquisar a respeito posteriormente. Conectados à rede, em dicionários, obtemos significados de palavras e expressões e até as traduzimos; na Wikipédia, consultamos dados fornecidos pelos autores; no Google maps, pesquisamos mapas e imagens dos locais onde se passa

a história, ou mencionados

no texto; lemos resenhas e resumos; assistimos a trailers de filmes, a curtas e a fragmentos de peças teatrais que, de alguma forma, dialogam com a obra que estamos lendo; conhecemos teorias científicas de um determinado século a fim de compreender melhor as concepções e os valores dos autores. É possível, ainda, contatar on-line outros leitores — em chats ou fóruns — para trocar impressões, recomendar, ou criticar a obra e/ou o autor.

Os dispositivos tecnológicos propiciam acesso a sites e fóruns em que os usuários inventam aventuras; recontam enredos e/ou alteram totalmente, de modo cômico ou irônico, histórias conhecidas, com personagens provenientes da literatura, dos quadrinhos tradicionais e/ou dos mangás, do cinema, da televisão, do videogame, ou da própria imaginação. O ato de ler e escrever torna-se ainda mais prazeroso.

As obras de nossos autores prediletos continuarão a ser publicadas em papel; as editoras de livros didáticos, além

da edição digital já adotada em muitas escolas, manterão as edições em papel, porém é inegável que os dispositivos digitais chegaram para ficar. Diante da situação apresentada, qual é o papel da escola?

Certamente não é o de fechar as portas a todos esses estímulos à leitura e à produção textual. Entretanto, há que se atentar que os efeitos do emprego de recursos tecnológicos na educação são relevantes quando integrados ao trabalho do professor, ou seja, embora os gadgets possam contribuir na tarefa de estimular a leitura e a escrita, o professor desempenha o

papel principal, guiando o processo de aprendizagem e sendo o elo entre os alunos e as comunidades literária, científica, jornalística e artística. Portanto, o desafio é fazer com que a tecnologia, presente em tempo integral na vida de crianças e de adolescentes, potencialize o que é trabalhado em sala de aula. Isso significa muito mais do que produzir conteúdos em Power Point; significa produzir conteúdos que explorem a internet, a colaboração e a cocriação.